ENTREVISTA

Entrevista com **Andre Degenszajn**, secretário-geral do **GIFE**

ARYMAX: Quais as principais ações do GIFE?

Andre Degenszajn: O GIFE é uma associação que reúne investidores sociais privados. São institutos, fundações e empresas que mantêm projetos de interesse público. O GIFE tem dois grandes papéis. Um é fortalecer esse investimento, promovendo troca entre essas organizações, fazendo pesquisa, criando indicadores, organizando eventos, entre outras ações. Outro objetivo é melhorar o ambiente da sociedade civil no Brasil, fazendo representação política e discutindo questões regulatórias para que o país tenha um ambiente indutor ao trabalho das ONGs. Por termos um olhar macro das atividades de todas as instituições, podemos criar estímulos para que esse investimento seja melhor e maior. Lançamos recentemente dois projetos importantes: um painel de transparência, que estimula os associados do GIFE a melhorar suas práticas, publicando seus relatórios, suas contas e resultados de avaliação publicamente. E criamos uma ferramenta de autoavaliação para cada instituição fazer um diagnóstico de governança baseado no guia de melhores práticas que o GIFE desenvolveu há alguns anos.

ARYMAX: O que representa as instituições associadas ao GIFE?

AD: São associados do GIFE instituições de origem privada, que possuem recursos próprios, e que aplicam esses recursos em projetos de interesse público. O recurso próprio pode vir da mantenedora (uma empresa ou uma família), de produtos e serviços desenvolvidos por essa instituição ou de um fundo (como no modelo de endowment). O GIFE é mantido pelos seus associados, que votam na assembleia geral, elegem o conselho e é para quem prestamos contas e representamos.

ARYMAX: Quais os principais pontos abordados no 9° Congresso GIFE, realizado recentemente?

AD: Esse congresso foi muito conectado ao momento atual do Brasil, principalmente pela proposta do tema geral: o sentido público do investimento social privado. Entre os cerca de 800 participantes, houve uma presença muito grande dos associados, além de membros de ONG's, consultores, pesquisadores e representantes do governo. Esse congresso aconteceu em um momento muito sensível do debate público nacional. Uma das discussões importantes foi o alinhamento do investimento social e o negócio das empresas investidoras para aumentar o impacto social positivo no segmento em que a empresa atua. Assim, uma empresa que mantém uma fundação voltada à educação, por exemplo, terá muito mais impacto se o próprio negócio da empresa também incorporar práticas para a melhoria da educação. E outro ponto muito debatido foi a importância de se fortalecer as organizações da sociedade civil.

"É importante romper com a ideia de que as boas intenções são suficientes"

ARYMAX: Como você resolveu se envolver com ativismo social?

AD: Foi um processo natural. Quando me formei em Relações Internacionais na PUC-SP, comecei a trabalhar voluntariamente com o professor Oscar Vilhena Viera, que coordenava um consórcio entre três universidades, PUC, USP e Columbia, para realizar um evento em comemoração aos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Professores dessas três universidades fizeram, dois anos depois, um colóquio internacional de Direitos Humanos no Hemisfério Sul e trabalhei na organização desse encontro. Após o evento, surgiu a ideia da fundação da Conectas, entidade que visa promover a efetivação dos direitos humanos na África, América Latina e Ásia. Lá eu trabalhei por quase dez anos e vim para o GIFE em 2009.

ARYMAX: Sua formação judaica ajudou com que você se envolvesse nessa área?

AD: Minha família não é religiosa e não estudei em colégio judaico. Frequentava a Hebraica apenas para jogar basquete. Minha conexão com o judaísmo é mais no sentido histórico-cultural. Meus pais sempre foram muito politizados e participaram ativamente em movimentos estudantis.

ARYMAX: Para finalizar, deixe uma mensagem para jovens que pretendem se envolver com Investimento Social Privado e ativismo social.

AD: As oportunidades para os jovens são muitas hoje. Cada vez mais eles estão se organizando em coletivos informais e novos modelos de organização. As formas de financiamento dessas iniciativas estão cada vez mais descentralizadas. O que acho importante é romper com a ideia de que as boas intenções são suficientes, pois é preciso conhecimento, ser menos condescendente com seu próprio trabalho, se preocupar com o impacto da sua ação, se articular com outras pessoas e desenvolver parcerias. A força na sociedade civil hoje é a diversidade, e fazer essa diversidade funcionar talvez seja o grande desafio para os jovens que estão ingressando nesse setor.

" **A Coluna ARYMAX**, criada em homenagem a **Antonietta** e **Leon Feffer**, tem como objetivo reconhecer e estimular ações exemplares de ativismo comunitário e empreendedorismo social."